

# **Conduzir o mundo ao fim, colocar a ruína no limite: os peixes dipnoicos nadam com Manguebixa**

Resenha

MANGUEBIXA, Tiago. **Contribuições para um debate não-cidadão.**  
Barbalha: 2021.

Ribamar José de Oliveira Junior

*Doutorando em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).*



Não queimei o livro de Manguébixa. Nem sequer risquei o fósforo. Estou com o palito na mão. Aliás, todos estamos com um palito, embora nem sempre acreditemos que a vida é uma emergência.

Não queimei o livro de Manguébixa. Talvez por ainda não ter matado o que possuo e/ou ainda não ter assumido com o cuidado devido o projeto de mundo que opto por carregar. Aliás, quem de nós assumiu? Os acordos autorais de Manguébixa são desacordos com nós mesmos, e ela faz questão de nos dizer que o extrativismo é uma praga na plantação que nos alimenta. Não há lugar para se apagar diante da responsabilidade de negar o outro.

Não queimei o livro de Manguébixa. Talvez por ainda não saber cuidar do que me conecta ou do comum que nos conecta. Assinado em letras finas e na cor preta, Manguébixa assina e dedica que o livro “Contribuições para um debate não-cidadão”, lançado em 2021, me encontre com a força da dúvida e longe do cativeiro que prende a imaginação. Faço desse pedido um modo de continuar.

Em quatro capítulos curtos, brutos e viscerais, Manguébixa lança mão de contribuições para pensar o debate não-cidadão pelo não como resposta entre registros textuais, fotográficos e performáticos que fazem da imaginação radical da democracia, do corpo e da política uma espera por nada. Como quatro flancos de um território movente, Manguébixa coloca a ruína no limite com o seu próprio corpo, que abre caminho por dois pés pretos que atravessam o tempo pela costura memória de exílio de si. Quando se assume estrangeira, Manguébixa vê do alto da pedreira o estrondo-clarão de um infinito que queima a cronologia que envolve um povo. Povo em ruas incendiadas. Há como habitar o lapso?

Sim, pois a leitura do livro de Manguébixa nos colapsa, e faz tempo que ela parou de delirar com revolução. A revolução nada nos diz. Manguébixa nos ensina a burlar a linguagem como estratégia para enforçar a colonialidade com o verbo que o colonial conjugou.

Natural da cidade de Barbalha, região do Cariri, interior do Ceará, Manguébixa arrisca fazer Ciências Sociais, curso em que se formou na Universidade Regional do Cariri



(URCA), e segue no seu processo atual no mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). A obra de Manguexixa se faz uma produção cortante-potente e em cruzamento com outras perspectivas do pensamento contemporâneo, a exemplo de Castiel Vitorino Brasileiro (2022), Jota Mombaça (2021), Abigail Campos Leal (2021) e Denise Ferreira da Silva (2019).

No primeiro capítulo, intitulado “A esperança é uma covardia”, Manguexixa afirma que a conspiração não é um futuro, e que não acredita em nada que possa haver senão no fim das formas de vida ditas pelo que se entende por solidariedade. Afinal, o custo recai em quem sustenta a precariedade, e pelo agora ela mobiliza força para promover o fim algoz de piedade que não traz paz nem humanidade. Não interessa para Manguexixa uma sensibilidade ou legalidade cunhadas por uma fragilidade alheia, sobretudo pelo fracasso e pela incapacidade de mobilizarem a sua força, que grafa o esboço de uma infinitude brutal sem acalento. Não interessa uma utilidade e nem uma convenção, muito menos uma fé que não seja revelada senão pela agonia de uma sede do fim.

Não haverá mundo. Só há frustração pela crença no agora. Inclusive, escrevo neste momento no agora sem tempo, como Manguexixa diz, por saber que não há resposta. “Isso não é um debate, não é um lamento, tampouco um recado” (MANGUEBIXA, 2021, p. 11). Não interessa o que é, nada lido tem sentido se não buscarmos a dúvida mobilizada em nós.

No segundo capítulo, intitulado “Vinte e uma teses para o nada”, há a silhueta do seu corpo ao redor de uma fogueira. Ela diz 21 vezes o indizível. A primeira tese nos diz que há uma ilusão na luta contra o genocídio, principalmente pelo fato de que essas ações expandem cada vez mais o Estado por um desejo de vida a partir e por ele. Afinal, a cronologia é um delírio que cobre a guerra que recusamos ver pela cegueira do canibalismo colonial. Em cada legislação, uma legitimação do ponto cego que torna o antifascismo impossível pela lei que nos torna submissos. É nesse momento que Manguexixa discute sobre ser ilegal, ser inútil, ser zé-ninguém. Não reagir para recorrer a uma economia de vida legal e uma função militar do debate. Faltar à conferência e a

reunião do sindicato para não aceitar o problema que foi formulado pelo fôlego do inimigo. Não permitir englobar o discurso. Não discursar. Fugir. Não escrever até mesmo esta resenha.

“Não ser cidadã/o/x/e/x/d/...!” (MANGUEBIXA, 2021, p. 17). Buscar e não só aceitar a dimensão criminosa do desejo. Aprender com os peixes dipnoicos, que são peixes pulmonados, que podem sobreviver fora d’água, a não estar. Fazer as alianças e os tratos, mas com o fogo e com o ar. Conspirar como quem respira sem ar. Fundir desordens. Não ser militante, não ser sério. Não saber dizer.

Nessas palavras, Manguebixa quer produzir a vida pelo experimento no estabelecimento de um diálogo forasteiro casado com a clandestinidade. Que diálogo é esse? Assaltar a língua, cortar o útil e ser inútil a serviço da incompreensão. Esquecer a autotormenta pública, que lamenta a precariedade gozando do precário.

No terceiro capítulo, “Ar//risco dizer o inevitável”, ela fala que é preciso fazer o que ainda não se pode ver e esquecer: a crença na justiça e não sonhar com a pátria para romper com a guerra disfarçada. “Toda criança preta já reivindicou para si a responsabilidade de cuidar de um enfermo para comprovar sua bondade. Toda criança viada foi assídua em religião cristã para amenizar com o mundo a dívida de estar viva apesar do seu pecado mortal” (MANGUEBIXA, 2021, p. 22).

Eu fui coroinha da igreja do bairro. Não há curso de direitos humanos que seja suficiente para destituir a prática fascista que faz do Estado democrático de direito a continuação de uma vida gasta lamentada pela ascensão de "brasil" de baixo. Não vale acreditar em um Estado a partir de uma humanidade conferida pela lei e na defesa de uma democracia. Não há motivo para crer em continuar, até porque um dia tal crença na continuação cessará, quando eles decidirem que não haverá como continuar e nem acreditar. “É a dignidade humana e o *lifestyle* mundial liberal-fascista que nos pulsa” (MANGUEBIXA, 2021, p. 25). O encanto pela liberdade comprada que o mundo como conhecemos oferece para nós.

Para Manguebixa, só a ostentação do extrativismo nos tira da angústia de viver uma vida precária que dorme no progresso, uma vez que a positividade tóxica e o



patrimônio individual nos garantem um lugar no mundo e o nosso estatuto de cidadão. Talvez por isso mesmo o patriotismo aflore mais nos herdeiros de uma debilidade colonial que aspiram o mundo global. É urgente faltar. “É urgente acelerar o fim da democracia” (MANGUEBIXA, 2021, p. 26). Acabar com a ideia de positivar o Brasil e fazer para além e apesar do possível, pois ela nos diz que é impossível continuar a acreditar no mundo.

É impossível desfazer-se de um mundo respondendo às suas expectativas de participação. É impossível desfazer um mundo pela negociação. É impossível acabar com o mundo deixando isentas de violação suas heranças. É impossível explodir o mundo acreditando na sua mediação de conflito. É impossível adiantar o fim apostando na mudança pacífica. Nada pode vingar pela aliança com o mundo se não a restituição da violência contra nós mesmas. Nada é mais suicida que a fé no mundo. Nada é mais covarde que a conservação do mundo. Os princípios morais de cidadania não nos protegem. É inevitável não apostar na força política revolucionária do fracasso programado da nossa não-cidadania, para elaborarmos estratégias de realização do impossível. A inclusão não nos liberta! Arrisco dizer que é abrir mão de nós mesmas não querer acabar com o mundo. (MANGUEBIXA, 2021, p. 27).

Através disso, ela questiona, aos dispostos em continuar, infundáveis perguntas sobre como pensar o fascismo em um país fascista, na medida em que interpela sobre quem se mobiliza com esse mesmo conceito. Não há como parar de matar em torno de uma forma de vida que funciona a partir dessas mortes e nem fazer outras vidas “importarem” sem entrar no jogo antifascista que parece legitimar o terreno do fascismo. Somente na amputação da cidadania a vida escoia para além do cativeiro. Somente haverá uma emergência se negarmos a esperança. Manguebixa diz que não é sobre a sustentação

de uma democracia jovem e frágil, mas sobre a tentativa de cura de uma velha colônia-moderna sem fundo. Diante da legalidade de lutas organizadas, Manguexixa prefere abraçar o nada, nem como profecia, nem como manifesto. Como posição ética, para o encanto de uma via inútil e a autoafirmação de uma vida em intenção com ela mesma, ela diz.

No quarto e último capítulo, intitulado “Não sei, não sou. ∞ ∞ ∞ x<sup>2</sup>”, ela nos fala que continua a ir, mas com a sua condição de vivente. Híbrida, falsa, mecânica, clandestina, pirata e desleal, ela assume o exílio da identidade para se pertencer, não como de algum povo e/ou de alguma nação, mas como estrangeira e refugiada e com a postura ética de desorganização perante a vida. Ela receia toda forma de ativismo que defende um original, porque morre e nasce por todos os lados e esquece como modo de reencantar, porque está viva e atenta. Sem crer em gramática, parentesco, essência ou predicado, sem pactos, linearidade, “eu” ou representação. Manguexixa se diz incompetente, e somente pela incompetência podemos continuar. Ela aposta no dissenso e na inutilidade para fazer a descolonização contínua de si mesma, que só existe como “nós” no acontecimento, negando a representação e se protegendo a hipervisibilidade.

Nativa de lugar nenhum, Manguexixa nos diz, mas não está mais aqui. Manguexixa diz além da necropolítica (MBEMBE, 2018), que enterra corpos. Ela habitou Kalunga Grande e bebeu todo o mar como alquimia que nada em busca de si pelo cemitério do mar ancestral.

Contribuições para um debate não-cidadão é um transe. O grito de uma multidão silenciosa que avança o sinal vermelho. É o consolo de uma puta a um padre num banheiro de um bar na rua Princesa Isabel. O livro de Manguexixa é uma vela acesa que não derrete, pois não se chora com esperança, mas com raiva. Contém fragmentos de uma carta para Sacyborg Aparecida, a cordelista Pablo Soares (COSTA, 2020), que, quando recebeu o livro, o queimou com o palito de fósforo e o riscador que vem na última página. Lembro que não queimei o livro de Manguexixa. Lembro que ela escreve, como diz, em um lugar/tempo perecível. Escrevo sobre as palavras de Manguexixa por insistência no que não há para dizer mais, pois ela já disse o indizível. Nossa cerveja gelada no Terreiro



do Barbosa, uma noite estrelada no Sítio Barro Vermelho. E ela, reluzindo no meio da noite, pede: tenhamos fé, mas não sejamos fiéis.

Não queimei o livro de Manguebixa para lembrar que tenho que queimar.

## Referências

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

COSTA, Pablo Soares Pereira da. *Sacyborg Aparecida: a confusão de fronteiras*. Juazeiro do Norte: Risca Verso, 2020.

LEAL, Abigail Campos. *Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: Glac edições, 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SILVA, Denise Ferreira da. *A dívida impagável*. São Paulo: Forma Certa, 2019.